

REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO DAS RUAS LOBO D'ALMADA E ITAMARACÁ: OS INDESEJÁVEIS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

Nilva Braga Monteiro

Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

E-mail: mbraga336@gmail.com

Evany Nascimento

Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

E-mail: mednascimento@uea.edu.br

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de um trabalho proposto na disciplina Arte Pública e Patrimônio ministrada no Programa de Pós-Graduação de Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. O estudo apresentado no referencial teórico aborda a cidade como discurso, espaço e território. Buscamos reunir dados com o propósito de interpretar a representação e o imaginário sobre duas ruas

ABSTRACT: This paper presents the results of a work proposed in the discipline Public Art and Heritage taught in the Graduate Program in Arts and Letters of the State University of Amazonas. The study presented in the theoretical framework addresses the city as discourse, space, and territory. We seek to gather data for the purpose of interpreting the representation and the imaginary of two streets located in the historic center of

localizadas no centro histórico de Manaus. A estratégia utilizada foi a da visitação desses espaços, territórios marginalizados, seguida pela busca de informação na mídia acerca dessas ruas e sujeitos. Como fundamentação teórica, nos amparamos nos estudos e contribuições de Silva (2001), Jacques Le Goff (1994), Maingueneau (2013) Santos (2008) e Souza (2010). Como justificativa deste artigo apontamos para a questão urbana, especialmente ao direito à participação social, que há muito tempo tem sido marcada pela exclusão de uma parcela da população vista como inadequada às normas e padrões estabelecidos pela sociedade. Pelos resultados obtidos, as ruas do centro histórico de Manaus que escolhemos representam e se apresentam como símbolos negativos e lugares de transgressão para a população em geral, podendo ser matéria literária nas mãos de um artista, e demanda para o gestor público. As vivências e as trocas simbólicas que existem entre aqueles que vivem no espaço público variam e se contradizem conforme o discurso que se apresenta nas notícias e a necessidade de sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Território urbano; discurso midiático; estereótipos.

Manaus. The strategy used was to visit these spaces, marginalized territories, followed by the search for information in the media about these streets and subjects. As a theoretical basis, we rely on the studies and contributions of Silva (2001), Jacques Le Goff (1994), Maingueneau (2013), Santos (2008) and Souza (2010). As a justification for this paper, we point to the urban issue, especially the entitlement to social participation, which has long been marked by the exclusion of a portion of the population seen as inadequate to the norms and standards established by society. For the results obtained, the chosen streets of the historic center of Manaus represent and present themselves as negative symbols and places of transgression for the population in general, being literary material in the hands of an artist, and demand for the public manager. The experiences, the symbolic exchanges that exist between those who live in the public space, according to their interpretation, vary according to the discourse presented in the news and the need for survival.

KEYWORDS: Urban territory; media discourse; stereotypes.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentamos os resultados de um trabalho proposto na disciplina Arte pública e Patrimônio, ministrada no Programa de Pós-Graduação de Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. A disciplina teve como objetivo discutir sobre arte pública e patrimônio, com vistas a ampliar o olhar sobre a cidade e a cultura urbana nos seus aspectos materiais e imateriais num enfoque interdisciplinar. Ao longo do passeio pelo centro de Manaus surgiram curiosidades pelos locais, que motivaram diferentes notas oriundas da observação. As ruas, as praças e o movimento das pessoas denotam essa constelação de elementos e ações, numa dinâmica que se repete todos os dias na cidade.

Como objeto de pesquisa, escolhemos duas ruas muito conhecidas do centro histórico de Manaus por serem locais onde convivem sujeitos marginalizados no discurso midiático. Fomos a esses lugares na busca desses sujeitos, e, por meio da observação, realizamos apontamentos sobre a sua dinâmica. Montamos um acervo fotográfico com as imagens produzidas dessas ruas do centro de Manaus, examinamos manchetes de jornal que trazem notícias acerca das ruas selecionadas, tomando como critério aquelas que abordam também os sujeitos. Neste artigo nosso objetivo central é interpretar a representação e o imaginário em torno das ruas do centro do centro histórico, Itamaracá e a Lobo D'Almada¹, zona sul da cidade.

Como estratégia teórico-metodológica, realizamos primeiro os apontamentos sobre o território, logo depois partimos para a revisão bibliográfica, acrescido do estudo sobre da temática da heterogeneidade dos textos midiáticos e produção discursiva (MAINGUENEAU, 2013). Optamos pela abordagem interpretativa do corpus selecionado que se compõe de notícias publicadas no jornal Acrítica em seu formato digital, anos 2013 e 2014 e de material iconográfico autoral. Utilizamos para descrição desses produtos simbólicos, o termo imagem, na legenda das manchetes do jornal, e fotografia para nossas produções autorais.

Como fundamentação teórica, nos amparamos nos estudos e contribuições de Gomes (2008), Silva (2001), Jacques Le Goff (1994), Maingueneau (2013) Santos (2008) e Souza (2013). Como justificativa deste trabalho apontamos para a questão urbana, especialmente ao direito à participação social, que há muito tempo tem sido marcada pela exclusão de uma parcela da população

¹ Lobo D'Almada, de acordo com Souza (2013: 89), transformou a vida do Amazonas. Tratou os índios como vencidos dignos de respeito, introduziu a pecuária e a indústria, fazendo despertar ciúmes na capital, cujos governantes logo arranjariam motivos para afastá-lo. Acusado de corrupção, começou a ser perseguido e acabou morrendo na miséria.

vista como inadequada às normas e padrões estabelecidos pela sociedade. As cidades urbanas se constituem também, imaterialmente, de uma multiplicidade de indivíduos marcados pelo discurso midiático, estereotipados, sendo alvo de violência e aversão por parte da população.

Nos relatos sobre a cidade em textos literários, há sempre a presença de acontecimentos vivenciados no cotidiano e que afetam a visão de mundo, a condição do sujeito diante dos acontecimentos diários podendo suscitar em nós uma série de sentimentos como a compaixão diante do sofrimento humano e a inconstância da vida. Como leitores transeuntes pelas ruas do centro de Manaus, é quase impossível ver de perto as ruínas, devido não só ao lixo que se avoluma nas ruas, como também aos perigos do desconhecido; soma-se a isso a pressa do dia a dia; o medo do atraso nos compromissos.

O andar atônito afeta a percepção, portanto, ao vermos as estruturas desses imensos prédios antigos do lado de fora deles, verificamos apenas a sua decomposição. Quantos de nós refletimos acerca do passado da cidade, curiosos em saber quem habitava, ou habita, aquele prédio em ruína, como moravam os antigos donos de grandes casarões que hoje abrigam também a maioria dos comércios, bares e restaurantes, depósitos e, até mesmo, escolas públicas e bibliotecas? Quantos de nós sabemos que existem ruas específicas para a prática da prostituição no centro histórico de Manaus? Em nossas pesquisas, verificamos que o elemento humano com suas singularidades e adversidades tem sido negligenciado, principalmente, no que se refere às condições de produção e reprodução da vida social dos grupos marginalizados, sujeitos a todo tipo de violência no meio urbano.

Ao longo da pesquisa, realizamos pelo menos três visitas divididos em grupos ao centro, sendo essas visitas feitas em dias úteis da semana e em um domingo pela manhã. Neste dia, a visita foi feita pela principal autora deste artigo para a realização de imagens, já que o fluxo de pessoas é reduzido, facilitando a visualização e descrição das ruas. Dessa forma, teremos condições de discorrer um pouco sobre a dinâmica das ruas selecionadas, pois vimos, nelas, uma outra face da arte, aquela presente na literária, que vai muito além de apreciar os lugares, as praças, os logradouros. Ainda que esses lugares tenham sido vistos pelos nossos olhos, nossa tentativa aqui é mostrar como os transeuntes se comportam nos locais proibidos, nos lugares descritos pelos jornais como sendo perigosos.

Propomos uma leitura da movimentação dessas ruas escolhidas através de imagens e manchetes de jornal, portanto, essa será uma das dinâmicas de leitura e recorte do território: optamos por duas ruas marginalizadas que estão entorno de alguns patrimônios culturais do centro histórico. Fizemos

essa abertura através da disciplina para expor uma amostra das contradições entre o lugar vivido e o representado em jornais da cidade. Personagens das ruas como a prostituta, a mulher transexual, o garoto de programa são representados nos jornais da cidade como transgressores da ordem social, esses indivíduos costumam ser marginalizados ainda mais pela sociedade e pelos governantes em seus projetos de governo por meio dos discursos midiáticos.

1. UM POUCO DE HISTÓRIA: MANAUS PRESENTE, MANAUS AINDA PASSADO

A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira. “Sem uma visão crítica, o Amazonas tem caminhado sempre aos tropeços. Por isso, cansado de ser um desmemoriado prestes a endossar o beletismo oficial”, expressa Souza (2010: 19-20). Ainda nas palavras de Souza²:

Firmemente sustentados pelo ideal do avanço econômico, não fazemos mais do que seguir a tradição espoliadora. Pomos abaixo a maior floresta do planeta, sem ao menos conhecermos as consequências desse gesto, para alimentarmos a voracidade das empresas monopolistas. E para isso, é necessário limpar o caminho de índios obstinados e preguiçosos. Pois nada mais obstinado e preguiçoso que essa gente que permitiu-se recusar através do tempo os favores da ‘civilização e do confronto’.

Souza (2010: 33)

Imaginemos aqui as seguintes cenas: pontes sendo erguidas, igarapés recebendo aterramento para a construção de avenidas e ruas no centro de Manaus, árvores sendo derrubadas uma atrás da outra, pois, essas cenas retratam o início da transformação de Manaus antes de ser famosa na Belle Époque, transcorrida entre 1870 e 1914 na Europa ocidental, época na qual o mito do progresso despontava estilos de vida e de cortesia nas cidades. Manaus, assim como tantas cidades, teve suas modificações e seus dias de glória. Teatro lotado, porto central enfeitado de navios, personagens da classe abastada seguiriam encantados com a cidade no meio da selva, crescendo vertiginosamente a partir do centro.

O beletismo se manifestava no seio social através das vitrines, nas roupas femininas — saias longas, apertadas na cintura, chapéus largos, sombrinhas

² À época da escritura deste ensaio, década de 70, o Brasil sofria nas mãos da ditadura militar.

para se proteger do sol, nos trajes masculinos — fraque escuro e cartola. Ainda hoje, em ocasiões de gala, os homens usam esse traje como sendo o máximo da elegância e do requinte. Como afirma Souza (2010: 95), “o Amazonas nunca foi tão alienado quanto durante o ‘ciclo da borracha’”. Souza dispara sua crítica mordaz sobre a constituição de uma época que permanece dissimulada até hoje:

No fim do século XIX, centenas de aventureiros chegavam como deportados e a mão-de-obra dos nordestinos começava a ser desviada para os seringais. Pelos salões nos restaurantes, nos jornais, era possível ver a face que a alienação queria compor.

Souza (2010: 96)

Para uma parcela da sociedade da época, todo o alvoroço do delírio do ciclo da borracha foi o que possibilitou a cidade de Manaus ter sido o mais belo cartão postal para o turismo. De repente, a cidade se torna atração daqueles que tinham condições econômicas de frequentar os clubes e os espaços culturais mais atraentes da cidade. Cada prédio administrativo erguido tinha um sabor de vitória rumo ao progresso, e uma função na organização econômica e social; prova disso são as belas construções que persistem ao tempo e que abrigaram instituições do governo, escolas, internatos e bibliotecas públicas. Tudo ia compondo uma nova paisagem iniciada no centro da capital, naquele momento, urbana e civilizada, bem diferente da anterior.

Para a pesquisadora Edineia Mascarenhas Dias, em sua obra *A ilusão do Fausto* (1999), as ruas e os logradouros da cidade foram ganhando outros contornos visando o embelezamento do centro da cidade, e claro, de um forte apelo à retirada da população mais carente do local, levando esta parcela do povo a criar as periferias da cidade, com a madeira, que era ainda um produto acessível naquela época, faziam seus casebres à beira do rio. Houve uma grande vontade dos governantes da época em tornar a capital no espelho da Europa, principalmente, aos moldes das capitais francesa e inglesa como os modelos ideais. Paris com sua cultura, e Londres com seu modelo econômico. Esses sujeitos citados pela pesquisadora formavam o conjunto de trabalhadores e suas famílias oriundas de diferentes locais do interior estado do Amazonas, inclusive de outros estados.

Conforme Dias (1999), os inúmeros projetos de modernização apenas foram exequíveis na cabeça dos governantes que detinham o poder, estavam

admirados e empolgados com as façanhas de Haussmann³ na capital francesa. Se Manaus possui alguns desses símbolos do fausto, como o seu famoso teatro, seu porto flutuante, o elegante prédio da alfândega, o palácio da justiça e tantos outros, também possibilitou que ficasse oculta. Atualmente, há um discurso oficial que reflete a visão de alguns educadores para que os jovens conheçam a história do patrimônio cultural da cidade por meio da visita das construções e apreciação da arte espalhada pelo centro, as igrejas mais antigas, assim como a literatura que se produz localmente.

É sabido que História e Literatura não se confundem, porque no limiar se encontra a memória, não sendo nem verdade, nem invenção. Enquanto o historiador se atenta em suas fontes documentais, o literato, como artista de seu tempo, produz uma memória quase involuntária como impressão artística do contexto. O poeta amazonense Thiago de Mello trabalha uma outra cidade, diferente daquela vista através dos monumentos, o escritor recorre sobretudo às lembranças de seus pais, parentes e amigos próximos um apanhado de impressões, fazendo uma reconstrução de uma época, a cidade com seus personagens, seus sons, cheiros. O texto é uma espécie de crônica poética de uma memória coletiva, e, por que não, cultural. Conforme o historiador Jacques Le Goff (1994):

A memória como de propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas

Le Goff (1994: 423)

Le Goff (1994) argumenta sobre a relevância da memória na reconstrução das lembranças de uma época outra, vivida e sentida pelos homens numa dada época e sociedade, um novo campo da história que considera a escrita literária também como registro, testemunho de um tempo. O registro do poeta amazonense é feito por vozes testemunhas de uma cidade que ainda permanece, só que fragmentada, configurando-se como uma memória

³ Georges-Eugène Haussmann GCNSC (Paris, 27 de Março de 1809 — Paris, 11 de Janeiro de 1891), largamente conhecido apenas como Barão Haussmann. Foi prefeito do antigo departamento do Sena (que incluía os atuais departamentos de Paris, Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne), entre 1853 e 1870. Para Benjamin (2007: 49) o ideal urbanístico de Haussmann eram as visões em perspectiva através de longos traçados de ruas. Isso corresponde a tendência continuamente manifesta no século XIX de enobrecer necessidades técnicas por meio de objetivos artísticos. As instituições do poder laico e espiritual da burguesia deveriam encontrar sua apoteose no enquadramento das avenidas; antes de sua conclusão, estas eram recobertas por lonas e descerradas qual monumentos. A eficiência de Haussmann insere-se no imperialismo napoleônico.

autobiográfica, portanto, interna, própria de quem testemunhou, subjetiva e aliada à memória daqueles que tiveram contemporaneidade com outros sujeitos. Com as lembranças, encontram-se tanto as dimensões políticas, quanto ideológicas. Do texto literário do poeta amazonense retiramos o seguinte excerto:

Do dia pra noite, se foram acabando o luxo, as ostentações, os esbanjamentos e as opulências sustentadas pelo trabalho praticamente escravo do caboclo seringueiro lá nas brenhas da selva. Cessou bruscamente a construção dos grandes sobrados portugueses, dos palacetes afrancesados, dos edifícios públicos suntuosos. Não se mandou mais buscar mármore e azulejos na Europa, ninguém acendia mais charutos com cédulas estrangeiras. O enxoval das moças ricas deixou de vir de Paris. Os navios ingleses, alemães e italianos começaram a escassear na entrada da barra.

Mello (1984)

Como conhecedor do seu tempo, Thiago de Mello guarda em sua memória individual a parte mais desastrosa da cidade. Para o poeta, com a decadência da borracha veio também a chance de a cidade vir a ser ela mesma, “não se mandou mais buscar mármore e azulejos na Europa, ninguém acendia mais charutos com cédulas estrangeiras (MELLO,1984)”. Deixou de ser “prosa”, como se diz no dialeto local, deixou de ser vaidosa. A cidade assim: “pôde ser ela mesma, a viver de si” (MELLO,1984). A literatura de Thiago de Mello restaura do passado a memória coletiva, testemunho vivo, traduzindo muito a esperança de novos tempos para o povo, sem deixar de lado a recusa do crescimento desordenado desse período, pois, desconsiderou a cultura do lugar, dados os grandes investimentos da época na parte arquitetônica da cidade. Para o poeta, esqueceu-se de valorizar o humano, abandonando as pessoas à própria sorte na medida em que cidade era povoada, criando periferias, outros modos de viver ainda mais precários.

1.1 Discurso midiático e o patrimônio cultural

Como gênero híbrido, a notícia tem como objeto, matéria-prima, os fatos do cotidiano, os discursos oficiais e todo tipo de acontecimento de interesse público, até os mais banais. Para o linguista Dominique Maingueneau:

[...] um texto não é necessariamente produzido por um só locutor [...] o discurso relatado, ou seja, quando o locutor inclui em sua fala as palavras de outro locutor. Essa diversidade de vozes já é uma primeira forma de heterogeneidade dos textos.

Maingueneau (2013: 64)

O jornalismo é uma esfera midiática que dialoga com fatos, acontecimentos da realidade e assim veicula visões de mundo pela ótica de seus produtores. O jornalismo vem ao longo do tempo construindo os valores de uma sociedade, promovendo entre o público aceitações, discussões e contestações, ou seja, um embate de posicionamentos divergentes.

Sobre o patrimônio histórico da cidade de Manaus, há muitas iniciativas publicizadas pelos jornais que têm gerado um grande aprendizado seja no incentivo ao turismo, seja na promoção de eventos culturais tradicionais. A secretaria de cultura, os órgãos públicos por exemplo bem como as universidades aproveitam a mídia em geral para promover todos os anos o resgate da história e da memória da cidade. Visitações ao centro histórico são bastante comuns, sobretudo, em datas comemorativas como o aniversário da cidade de Manaus, a visitação aos monumentos e locais de cultura são tidos como parte da história e do progresso da cidade materializada em construções arquitetônicas.

A organização na visitação do centro histórico tem sido uma das propostas que aparecem como modelo de incentivo à cultura e tem se expandido, principalmente, logo depois do Convênio nº 53/2004, celebrado entre a União, por meio do Ministério da Cultura, e o Município de Manaus, objetivando a Revitalização do Centro histórico de Manaus.

Na perspectiva do discurso sobre a cidade, a interdisciplinaridade é profícua tanto na abordagem desta temática, porque amplia a possibilidade do olhar mais profundo sobre o objeto sem perdê-lo de vista, portanto, quanto ao discurso jornalístico, Souza (2010: 191), escreveu que, “o discurso jornalístico ainda é narrativo, provinciano, e, algumas vezes, indigente. Certas notícias escapam à lógica, ou transformam-se subitamente em pregações moralistas”. Para Souza (2010: 192), “um jornal é popular por apresentar notícias de crime e fotos sangrentas; outro, é ponderado, por evitar estes fatos e preocupar-se com a vida legislativa”.

É inegável também que Manaus, tanto na questão do patrimônio público, da preservação e da utilização de prédios antigos, museus, os acervos culturais, e tantas outras questões que se ligam à cultura e ao social, tem sido deixada de lado pelos governantes em favor do combate à criminalidade na

cidade. Não dá para apartarmos os sujeitos desta discussão. Quem anda pelas ruas do centro de Manaus sabe que, ao longo dos anos, as praças públicas estão cada vez mais vazias, sendo gradativamente substituídas pelos *shoppings centers*, uma permutação, apontando assim para um outro projeto de cidade. Nesse contexto de mudanças, o patrimônio cultural, material e imaterial de Manaus resiste ao tempo, mas não aos debates sobre ele.

Sobre os espaços de cultura que ainda permanecem ativos, muitos recebem um público mais ligado à arte em geral. O Teatro Amazonas, por exemplo, uma das arquiteturas mais robustas do centro histórico atrai muitos turistas e oferece palco para os artistas locais, os nacionais e os internacionais; outro imponente prédio é o do Paço da Liberdade que se situa em frente de umas mais belas praças com estrutura refletida no modelo europeu, há uma fonte, um coreto e um bonito jardim em seu entorno. O Paço da Liberdade é uma construção feita na arquitetura neoclássica e já foi sede da prefeitura de Manaus.

Outro espaço mais visitado é o tradicional Bar do Armando, fundado na década de 70. O espaço continua até hoje como patrimônio da cidade. Outro local é o Bar do Caldeira, que recebeu este nome devido a um incêndio próximo de sua instalação, além desses há vários outros botequins que oferecem entretenimento nas adjacências da rua Lobo D'Almada, mas com pouca visibilidade.

Atualmente, todos esses locais são apreciados com menos entusiasmo e frequência se compararmos aos grandes *shoppings centers* da cidade. Os bares do centro oferecerem atrações como os *shows covers*, popularmente chamados de “som ao vivo”. Os vendedores de rua se fazem presentes e atravessam a madrugada; como os frequentadores, eles não se sentem nada intimidados pelas ruas do centro de Manaus, nem mesmo nos dias de semana. É notório que muitos que frequentam os bares trabalham no comércio central e encontram nesses locais a diversão que procuram.

Assim como a maioria das grandes capitais brasileiras, Manaus foi uma das que mais sofreram a modificação do espaço, sobretudo, na sua natureza, tendo como marco histórico o apogeu da borracha. A cidade de Manaus passou por diversas mudanças no plano geográfico, essas transformações se deram de forma bastante pontual, ao longo do tempo essas transformações acabaram por construir uma outra cidade.

2. DISCURSO CIDADINO, UMA REPRESENTAÇÃO AO AVESSO

Neste texto, optamos como categoria analítica o discurso. O discurso está nas ruas e nos jornais, como bem afirma Maingueneau (2013: 92), “a

espacialidade do escrito e do impresso permite também que lhes associemos elementos icônicos variados (esquemas, desenhos, gravuras e fotos) e um paratexto”. De acordo com Maingueneau (2013), paratexto é o conjunto de fragmentos verbais que acompanham o texto propriamente dito, por exemplo, os comentários na margem notícia, notas de rodapé, para nós, inclusive as legendas das fotos de jornais acerca dos territórios que se dão o fato jornalístico.

Trabalhamos com o conceito de território ao delimitarmos nossa temática em apenas duas ruas. Território aqui se define por uma objetivação multidimensional da apropriação social do espaço, de acordo com Cara (1996), neste espaço, portanto, se estabelecem diferentes relações de poder entre os grupos sociais e instituições. Santos (2008), define espaço como sendo

[...] possuidor de uma forma, isto é, de uma organização que pretende adequar ao funcionamento da sociedade. Essa forma, é definida ideologicamente em um determinado bloco histórico, que corresponde a hegemonia de uma determinada classe social, e é no âmbito do estado que se estabelecem os relacionamentos entre interesse divergentes que darão o conteúdo para as formas espaciais, que poderão ser mais ou menos excludentes, ou segregacionistas, dependendo das características do bloco histórico.

Santos (2008: 49)

Nesse sentido, cabe dizer que a população que se encontra à margem dos espaços institucionalizados, regrados pela norma social vigente, está sempre em risco de ser vista como desajustada e potencialmente dada a transgredir a lei. Como experiência, a transgressão está ligada à desobediência da lei, das regras, daquilo que vem de cima. É notório que, nas grandes metrópoles, o que menos se tem é o controle do tempo, do espaço e das relações sociais.

Conforme Gomes (2008: 24), “a cidade construída pelo discurso possibilita visões diversas, leituras e interpretações que dependem do leitor”. Assim, cabe-nos apontar a dinâmica dos locais do centro onde se apresentam como concretos, múltiplos, plural quando se pensa a noção de existência humana. Ainda nas palavras de Gomes (2008), a cidade

[...] como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza.

A cidade ainda parece como “lugar de excelência onde se sentem, de forma mais agudizada, as consequências do desenvolvimento capitalista e da Revolução Industrial” (GOMES, 2008: 37). Na literatura contemporânea, a cidade moderna já foi palco de diferentes temas, entre eles as guerras, os crimes que estampavam manchetes de jornais, transgressões das mais diversas, tudo podendo servir de inspiração às artes. A temática da brutalidade e da violência na cidade aparece nos contos produzidos por Rubem Fonseca. No livro *Romance Negro*, o primeiro conto, “A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro”, transfigura o homem cidadão perdido nesse emaranhado de acontecimentos insólitos que é a cidade. O personagem é incumbido de contar a história de Augusto, o andarilho, cujo nome verdadeiro é Epifânio; este homem deseja concluir seu livro sobre a cidade, sem esquecer dos locais mais insólitos.

Na narrativa, o personagem-escritor traça vários planos para adentrar em territórios perigosos. Augusto, o personagem-escritor, acaba conhecendo, por acaso, uma prostituta, analfabeta, em seguida, ele se dispõe a ensiná-la a ler. No conto, o grotesco se apresenta no corpo da mulher prostituída pela cidade; seu maior sonho era estético: comprar um dente novo para assim ganhar novos clientes, diferentes daqueles que conseguia nas noites do Rio de Janeiro. Gomes (2008: 165), pondera que, “ele (Augusto) não os rejeita, observa-os, relaciona-se com eles e registra-os como matéria-prima para o livro que escreve”. Para Augusto, esses personagens não são invisíveis, fazem parte da paisagem da *Urbe* que insiste em expulsá-los, sintetiza Gomes (2008: 165).

No conto mencionado, o funcionamento dos prédios se mostra de forma instável, não possuindo uma permanência duradoura. Ao longo do dia o prédio é um cinema, durante a noite, funciona um estabelecimento de culto religioso, demonstrando assim o aspecto da provisoriedade quanto a ocupação dos prédios do centro comercial. Das páginas ficcionais, depreende-se a mutabilidade das coisas no mundo capitalista, “todas as manhãs, das oito às onze, todos os dias da semana, o cinema é ocupado pela Igreja de Jesus Salvador das Almas. A partir das duas da tarde, exhibe filmes pornográficos” (FONSECA, 1992: 12). O andarilho deseja ser escritor, para tanto precisa ler a cidade, conhecer as pessoas, saber o que fazem, como ganham a vida, como podemos ler neste trecho do conto:

Em suas andanças pelo centro da cidade, desde que começou a escrever o livro, Augusto olha com atenção tudo o que pode ser visto, fachadas, telhados, portas, janelas, cartazes pregados nas paredes, letreiros comerciais luminosos ou não, buracos nas calçadas, latas de lixo, bueiros, o chão que pisa, passarinhos bebendo água nas poças, veículos e principalmente.

Fonseca (1992: 12)

Sabemos que o simples fato de andar nas ruas centrais de qualquer capital requer uma dose de coragem, de habilidade e desembaraço para saber onde levarão os trajetos dessas ruas desconhecidas, uma vez que cada esquina poder vir a ser algo novo, surpreendente, ou mesmo um arrependimento, um asco, e ainda, uma surpresa:

Augusto tem um destino naquele dia, como aliás em todos os dias que sai de casa; ainda que pareça deambular, nunca exatamente ao léu. Para na rua do Teatro e olha, e olha para o sobrado onde sua avó morava, em cima do que agora é uma loja que vende incensos, velas, colares, charutos e outros materiais de macumba, mas que ainda outro dia era uma loja que vendia retalhos baratos.

Fonseca (1992: 23)

A cidade desperta o imaginário dos escritores. Um caráter transitório e de horror é marca recorrente nos contos de Rubem Fonseca. Os laços humanos são facilmente rompidos e tudo acontece em meio ao caos urbano. A transitoriedade faz parte do cotidiano, e já não é tão relevante assim para os homens de hoje, a brutalidade já não causa espanto. Para Armando Silva (2001), pode-se definir a cidade como a imagem de um mundo vivido, que está sempre se construindo e reconstruindo, pelos acontecimentos cotidianos e coletivos dos sujeitos que nela habitam. Desse modo, o urbano deve ser observado tanto do ponto de vista do imaginário quanto do simbólico. O imaginário de uma cidade é construído a partir de seus habitantes. Ele afeta e modela nossa percepção da vida e tem grande impacto na elaboração dos relatos da cotidianidade, contada pelos cidadãos diariamente (SILVA, 2001: 50).

2.1 Representação e imaginário social das ruas Lobo D'Almada e Itamaracá

A cidade é material concreto e abstrato, simultaneamente, símbolo da vivência e transformação do homem, formada por construções antigas e modernas, sons, sensações, medos, felicidade e tristeza, confusões, inegável dizer que, tudo tem a interferência direta do homem; tudo que é parte do povo permite relacionar pontos relevantes à ideia de que a cidade é formada pelo entorno espacial e geográfica pela convivência, de um processo histórico que se estabelece de modo peculiar em cada um dos casos entre a territorialidade e a apropriação simbólica pelos membros que a compartilham, realizando discursos, trocas comerciais, tratos e desavenças. Cidade é, sobretudo, feita de discursos que circulam em diferentes épocas e condições de produção, tanto por meio da escrita quanto pelas imagens.

Destacamos que, neste trabalho, utilizamos notícias publicadas em ambiente digital, porque, conforme Maingueneau (2013: 81), “é importante reservar um lugar ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte”. Para ele, o suporte não é acessório. A notícia, por exemplo, é um gênero híbrido, e se materializa dentro de esfera/suporte que modifica os dizeres e é modificado por eles, composto também de diferentes vozes especializadas como a do jornalista. A notícia reescreve os fatos do cotidiano; abre seu espaço para o acontecimento, o fato, e ao mesmo tempo para as subjetividades, para a interpretação e a representação dos lugares e dos papéis sociais de sujeitos diferentes. Desse modo, Maingueneau (2013: 81) defende que, “o médium não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante no médium modifica o conjunto de um gênero do discurso”.

O enunciado das manchetes mostra a ideologia do veículo, e como se move a construção da opinião pública sobre determinado fato. Vejamos abaixo a manchete do jornal *Acrítica*, que possui dois formatos: tanto impresso, quanto digital.

Sem camelôs, Centro de Manaus ganha novo visual

Retirada de bancas que ficavam nas ruas Henrique Martins, Joaquim Sarmiento e Lobo D'Almada recuperou espaço público



Imagem 1: Manchete. Fonte Jornal *Acrítica*, 2014. Créditos de Ana Celia Ossane.

De acordo com a notícia do jornal *Acrítica* digital⁴, a “realocação” beneficiou os camelôs, trabalhadores do comércio informal. Essa medida faz parte de um projeto da prefeitura de Manaus para requalificação do entorno do centro histórico da cidade. O discurso oficial da prefeitura transcrito pelo portal é o seguinte: “já são 832 camelôs que devolvem as calçadas à população de Manaus”. A medida trouxe opiniões diversas, uma tem a ver com a estética dos prédios antigos e das fachadas. O texto traz um recorte da entrevista concedida por uma jornalista e historiadora local sobre a liberação das ruas para os transeuntes “para ela é fundamental que os ambulantes possam ganhar a vida nessas galerias e possam deixar a via liberada para a população”. A historiadora defende inclusive que a prefeitura crie condições para que a medida seja irreversível. O discurso da historiadora é regido pela forma argumentativa do discurso de autoridade, contrapondo antecipadamente o discurso da população.

⁴ Manchete completa publicada em formato *online* publicada em 2014. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/sem-camelos-centro-de-manaus-ganha-novo-visual>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2021.

Portanto, na outra posição do discurso se encontra o cidadão comum, que se opõe ao que foi dito pela jornalista. A notícia transcreve outras vozes no corpo material a opinião de transeuntes entrevistados na ocasião sobre a retirada dos camelôs, “era mais fácil a gente encontrar as coisas, agora tão longe ninguém vai comprar deles”, além deste cidadão, mais duas pessoas alertam para o possível insucesso da medida. Esse texto é significativo na medida em que aponta para a disputa pelo espaço na cidade, as contraposições e opiniões divergentes diante de um fato. Os ambulantes não possuem representatividade, apenas recebem orientações de onde devem exercer a comercialização de seus produtos. As opiniões que circulam nos jornais de grande circulação auxiliam ao leitor a direção do olhar sobre a cidade, Maingueneau (2013: 97) pondera que, “todo discurso por sua manifestação mesma, pretende convencer instituindo a cena da enunciação que o legitima”.

A imagem abaixo, começando pela da esquerda, foi produzida em 2013 pelo jornal *Acrítica* quando uma noturna foi interditada por uma fiscalização da prefeitura de Manaus. Os clubes como o Rêmulos's Club, Mistura Fina, Dama da noite, Club A2 estavam sendo revistados pela Polícia Militar do Amazonas.



Imagem 2: Manchetes de jornal online. Fonte: *Jornal Acrítica*, 2013.

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que a maioria das matérias produzidas acerca da rua acima citam roubos e assassinatos. Nesta imagem

acima, a foto jornalística⁵ captou o acontecimento focalizando na entrada vários policiais, inclusive, populares fotografando/filmando o momento da ação, levando-nos a crer que algo errado acontece, e que fere os princípios da lei.

Na imagem seguinte, à direita, imagem mais o enunciado informativo, forma a notícia⁶ de que a boate foi liberada, novamente, para funcionamento depois de ter passado por vistorias do Corpo de Bombeiros e realizado as devidas adequações. Embora a matéria não esclareça para o leitor “do futuro”, a ação do estado se deu como medida preventiva logo após a tragédia da boate Kiss na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. O incêndio ocorrido em 2013, provocou 242 mortes e deixou 636 feridos. Esta informação deve ser resgatada pela memória do leitor.

É notável a popularização da fotografia digital após o avanço da tecnologia e o uso massivo de imagens pelos jornais online. A fotografia tem prestígio desde sua invenção enquanto reprodução do instante, na esfera do jornal, faz parte da composição de uma manchete favorecendo maior economia na interpretação dos fatos divulgados. Na esfera jornalística, a imagem produzida no momento certo e na hora exata vale muito, sendo difícil falar também de objetividade na fotografia.

O instante captado por profissionais do jornalismo dependerá muito mais da oportunidade do que da técnica aprendida por eles, portanto, muitas imagens são enviadas pelos próprios leitores dos jornais. Hoje, é imensurável a quantidade de imagens produzidas pelos jornais de massa, blogs jornalísticos sobre crimes de todo tipo e atos proibidos pela cidade.

Ao rastreamos manchetes em jornal digital tivemos algumas surpresas, por exemplo, nos termos utilizados para as buscas. Ao lançarmos as *tags* “crimes; centro de Manaus” tivemos pouco retorno, no entanto, ao utilizarmos “garota de programa”, foi notável a quantidade de casos com a *tag* “prostituição” sendo clara a representação deste ato como transgressão pelos jornais de massa. Atualmente, a prática não é mais vista como crime, como defende a Dra. Elisa Nagib Eluf, autora do livro *A Paixão no banco dos réus*, porque houve uma ruptura da posição da mulher na sociedade e o desmoronamento de alguns padrões patriarcais, tendo grande repercussão nas decisões judiciais, principalmente nos julgamentos dos crimes passionais.

⁵ Imagem retirada de matéria online publicada em 2013. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/dezessete-casas-noturnas-sao-fechadas-apos-fiscalizacao-em-manaus>>. Acesso em 28 de julho de 2018.

⁶ Imagem retirada do mesmo veículo de comunicação, publicada em 2013. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/remulos-e-liberado-para-funcionamento-pela-prefeitura-de-manaus-apos-adequacoes>>. Acesso: 28 de julho de 2018.

Portanto, a lei que acaba de modificar os artigos referentes aos crimes sexuais do Código Penal, a Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009, define os crimes sexuais na categoria “crimes contra a dignidade sexual”, o que antes era representado pelo título “crimes contra os costumes”. Isso porque a lei atualizada pretende proteger “a dignidade sexual” da pessoa e não definir a forma como ela se comporta sexualmente diante da sociedade, como era prescrito anteriormente⁷.

Para Eluf, o que se configura como crime de prostituição no Código Penal, é o ato intencional de colocar e manter uma pessoa em condição de explorada, sacrificada, sendo forçada a fazer o que não ela deseja. Explorar é colocar em situação análoga à de escravidão, impor a prática de sexo contra vontade ou, no mínimo, induzir a isso, sob as piores condições, sem remuneração nem liberdade de escolha. O Direito, a antropologia e outras áreas estão sempre produzindo acerca do assunto e da urgência da intervenção do Estado através de políticas públicas, não apenas na liberação de casas noturnas.

O preconceito contra a população que perambula pelas ruas do centro, essas que são incluídas no rol de “prostituídas”, se dá, principalmente, com relação ao modo de sobrevivência dos sujeitos, e, evidentemente, recai sobre as mulheres os piores estigmas. Elas são vistas durante o dia pelas esquinas, pelos bares a procura de clientes. Não nos cabe especular a respeito, nem apelarmos para a moralidade como fazem os jornais, porém, muitas delas encontram-se em situação de rua por diferentes motivos, arriscamos dizer que, por escolha própria, pouca oferta de emprego formal, e ainda por encontrarem na prostituição a chance de serem, finalmente, livres no prazer. Comumente, saem nos jornais notícias de crimes tendo como vítimas mulheres que trabalham no centro de Manaus. É visível que a pouca repercussão desses casos nas redes sociais se deva ao mérito do lugar onde ocorreu o crime. Casos de feminicídio em que há a violência doméstica são mais repudiados pelos leitores.

⁷ Crimes sexuais: quais são e o que diz a lei sobre eles? In: <<https://direitos.me/crimes-sexuais/>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.



Fotografia 1: Placa da rua Itamaracá. Ao lado direito, a imagem fragmentada do terminal III. Fonte: Próprio autor, 2018.

A rua Itamaracá é bastante abandonada, tem má fama, entretanto, tem sido uma rua estratégica para as mulheres que ofertam seus serviços, e que necessitam se misturar aos transeuntes e veículos. No local, foi possível ver o funcionamento de um ponto de táxi, alguns bares que funcionam, praticamente, 24h por dia. A percepção que temos é que há um acordo entre os funcionários do estado que fiscalizam inclusive por onde essas mulheres não são permitidas. Em nossas andanças, percebemos a relação tensa e alguns breves diálogos e palavras de ordem entre os fiscais com relação aos ambulantes e demais camelôs em diferentes pontos do comércio local.

É quase unânime entre a população manauara a ideia de que a rua Itamaracá não pode, de forma alguma, ser um lugar apropriado nem para mulher decente passear, nem para ser vista andando, mesmo que sua intenção seja uma visita ao Paço da Liberdade, que fica a alguns quilômetros de distância. O medo e o preconceito com quem passa por este lugar é notório, já nos sentamos por alguns minutos nos bancos do terminal III e verificamos com nossos próprios olhos como tudo ali parece convergir. Ao passarmos por lá, a sensação é de sermos observados, cuidadosamente, pelos ambulantes como sendo possíveis clientes. Agora, se a intenção é fotografar, isso deve ser feito com atenção e rapidez porque, principalmente os homens, costumam nos amedrontar com histórias de furto no local.

O enorme fluxo de pessoas no local se deve ao seu referencial, ou seja, é ponto central da cidade onde se localiza o terminal III, a Igreja da Matriz e logo ao lado, o porto de Manaus. A todo instante, passageiros desembarcam

dos coletivos de praticamente todas as zonas para fazer compras e ir ao trabalho. O lugar também não é agradável visualmente, possui uma estrutura de ferro coberto de telha, bancos feitos de concreto. Quem permanece ali, de pé, parado, aguardando o coletivo, ouve mesmo sem querer, músicas vinda dos bares próximos, observa o vai e vem de carros que fazem corrida a preço único de 5,00 reais para os bairros de Santa Luzia, Betânia e Educandos. De acordo com Nascimento (2014),

[...] a Praça da Matriz está no centro da área comercial, principalmente do comércio informal. É especialmente para este público, que se direcionam todos os serviços do entorno. Há agências bancárias, hotéis, terminal de ônibus e táxis. A área funciona como extensão da zona portuária. Nascimento (2014: 93)

Em nossas caminhadas neste local, é possível ver como ambulantes e carregadores que prestam serviço informal no porto de Manaus convivem em condições precárias, levando caixas, sacas de frutas e tudo o que se pode imaginar nos ombros até a estação dos ônibus pelo irrisório preço de dois a quatro reais.



Fotografia 2: Bar Caldeira. Fonte: Próprio autor, 2018.

O bar Caldeira se situa na parte alta da rua Lobo D' Almada, o espaço atrai um público fiel e amante de sambas antigos; samba produzido na época das rádios. O lugar é preferido pelos frequentadores que se sentem à vontade na via pública sem medo de sofrer qualquer constrangimento por parte do poder público. Com uma clientela diversificada, o bar ganhou status de *cult*, e, no passado, recebeu, inclusive, a visita de nomes importantes da literatura brasileira, como a do poeta Vinicius de Moraes. No interior do bar, é possível encontrar recortes de jornais, fotos e todo o acervo da memória do local. A maioria dos clientes são trabalhadores, universitários, sobretudo, aqueles interessados na cultura e simpatizantes de grupos boêmios de longa data. Um pouco mais distante, na parte íngreme desta rua, há outros bares e a casa de noturna *Rêmulo's Club*.



Fotografia 3: Rêmulo's Bar e Club. Fonte: Próprio autor, 2018.

Anteriormente, mostramos o clube sendo vistoriado pela prefeitura, nesta imagem acima, produzida por nós, no dia de domingo, o clube se encontrava vazio e fechado. A informação que tivemos no local dos bares próximos é sempre irrisória, sabemos que a maioria do público externo é na maioria masculina. Contudo, o clube é tradicional na cidade, promovendo festas onde o público feminino é sempre bem-vindo, isso se deve às mudanças nos valores da sociedade que fazem com que os espaços sejam mais diversos e com menos restrições. Atualmente, as mulheres ampliaram com muita luta seus direitos, inclusive o de poder escolher frequentar ambientes antes marcadamente masculinos. Por isso, o clube tem sido mais receptivo quanto ao público externo ser composto pelo feminino, não sendo, portanto, as mulheres que trabalham na casa noturna. A verdade é que o local ainda é conhecido como ideal para a diversão dos homens.

O que difere bastante da rua Itamaracá é exatamente a marca da legalidade, da privacidade e da segurança das profissionais do sexo. Com isso, há menos chance de ocorrer problemas como o não pagamento pelo serviço e até assassinato como ocorre em outros estabelecimentos que ofertam estadia de passagem no centro. Nas noites em que as atrações são especiais, o público lota a casa de *shows*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui, nós nos propusemos relatar nossa experiência com a cidade tanto nos textos literários como fruto do trabalho dos escritores, quanto do ponto de vista da rua, e dos problemas do cotidiano urbano através de manchetes. A cidade pode ter significações diferentes, opostas, e cheia de contradições, pois, a sociedade capitalista é contraditória no modo de produção, sendo socialmente discriminatória. Investe-se capital apenas em áreas estratégicas onde haverá retorno financeiro. Nas zonas mais marginalizadas o poder público tem evitado agir, no entanto, é seu dever intervir no social, de modo econômico e cultural por meio de políticas públicas voltadas para as populações de áreas vulneráveis.

Como educadores, acreditamos na educação formal e na necessidade de conhecer os espaços públicos, as praças, os locais para que se possa pensar na função social da escola na construção de sujeitos cidadãos conscientes de seu tempo, mostrando aos alunos o lugar da arte, do humano, na busca pela sensibilidade quanto aos problemas sociais, na formação humana e na cultura das cidades. No caso de Manaus, é difícil aceitar, mas não conhecemos nem mesmo nossa própria história.

As ruas do centro histórico de Manaus que escolhemos representam e apresentam-se como símbolos negativos e lugares de transgressão para a população em geral, podem ser matéria literária nas mãos de um artista, e demanda para o gestor público. As vivências, as trocas simbólicas que existem entre aqueles que vivem no espaço público, de acordo com sua interpretação, varia conforme a estratificação social e a necessidade de sobrevivência.

A universidade, por meio da pesquisa mostra que está atenta às necessidades sociais e dando novos rumos à pesquisa científica, produzindo conhecimento sobre a questão urbana e suas correlações, sobretudo, está disposta a sair dos muros da academia e definir de prontidão sua visão social quando possibilita aulas práticas, como a apreciação dos monumentos e da rua. Cabe ao professor, em suas aulas práticas, propor olhares múltiplos sobre a cidade, seja através de manchetes de jornal, seja propondo passeios pela cidade, visitando praças, enfrentando os discursos autoritários que permeiam o cotidiano.

O exercício da pesquisa no âmbito tanto da Graduação quanto da Pós-Graduação é fundamental na formação do professor-pesquisador pois provoca outras experiências quando se propõe o trabalho de observação. Nesta disciplina fomos convidados à leitura e vivência através da observação dos espaços públicos refletirmos acerca da vida em sociedade, percebendo como os espaços são retratados e construídos no imaginário social desses indivíduos muitas vezes adjetivados, direta e indiretamente, como indesejáveis e que contrariam a estética do embelezamento urbano.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Edição Alemã de Rolf Tiedemann. Organização da edição brasileira: Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

CARA, R. B. Território e identidade regional no sul da Província de Buenos Aires. In: SANTOS, M; SOUZA, M.A. SILVEIRA, M.L. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

ELUF, Luiza Nagib. *A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres: de Pontes Visgüeiro a Pimenta Neves* / Luiza Nagib Eluf 3. ed. — São Paulo: Saraiva, 2007.

FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades a cidade. Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

JORDÃO, Carlos Eduardo; MACHADO JR, Rubens; VEDDA, Miguel (Orgs.). *Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2013.

MELLO, Thiago de. *Manaus, amor e memória*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984.

NASCIMENTO, M. *Do discurso à Cidade: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus*. Tese de Doutorado defendida no Rio de Janeiro, em 2014 – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Design.

PAIVA, Maria Socorro de Oliveira; FILLIPINI, Elizabeth. *Corredor cultural e turístico São Vicente: revivendo a história de Manaus*. 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia histórica. Passado presente nos velhos mapas: conhecimento de poder. Paraty, 10 a 14 de maio de 2011.

SANTOS, R. B. *Movimentos sociais urbanos*. Ed. Unesp, 2008.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo*. 3ª Edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

Submetido em: 21/02/2021

Aceito em: 17/03/2021